

Um problema: o acerto entre os credores.

MOISÉS RABINOVICI, DE WASHINGTON.

Um banqueiro europeu acha que o acordo que o Brasil e o Comitê de Credores estão concludo "não obterá a aprovação dos bancos em escala mundial". Um outro norte-americano, comenta: "Agora é que vão começar os dez minutos finais do jogo". Um brasileiro envolvido nas negociações admite: "Não será fácil..."

O próprio Comitê de Bancos Credores comunicou, ontem à tarde, que "não tinha nada a comunicar hoje", mesmo com os negociadores brasileiros arrumando as malas para a volta ao Brasil, o trabalho considerado encerrado depois de uma maratona de negociações iniciada em setembro do ano passado.

O banqueiro europeu explicou o seu pessimismo, durante uma conversa informal com o *Jornal da Tarde*: "Muitos bancos desfizeram-se de seus créditos brasileiros, depois da moratória. Alguns até extinguiram seus Departamentos de Brasil. Eles não têm mais por que entrar num novo pacote. Não querem mais saber de pôr dinheiro novo. Se eles não entram, sobra para os bancos maiores. Cada um deles terá que aumentar a sua participação. São muitos os bancos pequenos e médios que desbandaram".

Esta é, inclusive, a discussão do momento, no Comitê de Bancos Credores: quanto vai caber a cada banco no pacote de US\$ 5,2 bilhões negociado para o Brasil? "Os bancos carregados de empréstimos ao Brasil querem empurrar para trás a data-base que vai contar para a distribuição do fardo entre todos. Os menos, querem jogar para o futuro. Os bancos que passaram adiante seus créditos, prefeririam que a data-base fosse hoje. Isto aí dará muita discussão" — Antecipa um banqueiro, em Nova York.

O banqueiro europeu que não acredita que os bancos conseguirão arrecadar o dinheiro prevê "muitas pressões" do secretário do Tesouro, James Baker, e também do

Departamento de Estado, como aconteceu quando o Kuwait decidiu retirar-se do acordo preliminar concluído no final do ano. É só aí que ele vê uma chance para que o acordo seja, afinal, aprovado. Mas ele adverte:

"O próprio secretário Baker pode sair do Departamento do Tesouro para juntar-se à campanha do vice-presidente George Bush à presidência. De qualquer forma, a administração Reagan, em final de mandato, terá muito pouco poder de barganha para exercer pressões eficazes."

Paciência de Jó

O ex-negociador da dívida, Fernão Bracher, partiu de uma maratona de negociações repudiando a cartelização dos bancos. Algumas fontes oficiais brasileiras deploram abertamente o sistema de cartel: "É muito difícil que os banqueiros se entendam entre si", lamenta uma delas, desabafando:

"A gente precisa ter uma paciência de Jó".

Os japoneses, primeiro, paralisaram um momento das negociações, exigindo garantias do Banco Mundial para parte dos novos empréstimos para o Brasil. Depois, os canadenses quiseram a vinculação com o FMI — Fundo Monetário Internacional. No último problema, o da cláusula da pena-liminar, foram os alemães que resistiram. Agora, no acerto do critério de distribuição das responsabilidades, fixando quanto cada um terá de contribuir para o pacote, os japoneses voltam a impor condições.

"Este problema já não é mais do Brasil. Se nossos negociadores ficassem em Nova York, dariam a impressão de que são parte do problema. O trabalho deles acabou" — disse ontem uma fonte oficial brasileira ao *Jornal da Tarde*.

Os japoneses gostariam que o Brasil depositasse as suas reservas numa conta-

caução que poderia ser criada pelo FMI. Esse tipo de garantia foi sugerido pelo ministro de Finanças do Japão, Kiichi Miyazawa, em Toronto, no Canadá, durante a reunião dos sete países mais industrializados do mundo. A proposta não foi levada ao exame dos chefes do Estado porque criaria um atrito com os Estados Unidos, que ainda estão apostando no Plano Baker, de seu secretário do Tesouro, James Baker, pelo qual os países mais endividados deveriam receber mais empréstimos bancários para que se mantivessem num contínuo crescimento.

Pouco tempo

Os problemas crônicos da dívida de US\$ 1,19 trilhão do Terceiro Mundo porém, estão desafiando o Plano Baker. Para os críticos, ele só acumulou mais dívidas, e não o desenvolvimento que se esperava.

"A divisão do bolo entre os bancos", neste momento em que o próprio sistema de renegociação da dívida está sendo questionado, pode provocar várias prorrogações nos "dez minutos finais do jogo decisivo". Um banqueiro calcula que se o Brasil e o Comitê de Bancos Credores trocarem um comunicado anuncianto um acordo de princípio, serão necessários "pelo menos dois meses para obter os 95% de adesões necessárias".

"Gostaríamos de ter faturado tudo antes da volta dos nossos negociadores ao Brasil" — disse uma fonte brasileira. Uma outra fonte norte-americana, lembra que "todo o calendário das negociações foi estabelecido para um final em fevereiro, perfeito do Carnaval. Mas estamos em junho. Os bancos vão querer esperar até agosto. O congelamento da Unidade de Referência de Preços, que era uma base de sustentação do programa do ministro Mailson da Nóbrega, já desmoronou. E agora vem aí a síndrome da negociação argentina. O tempo conta: cada vez será mais difícil arrecadar o dinheiro para o pacote brasileiro".